

tico do ser humano se torna objeto da ciência. Reflete também sobre a co-responsabilidade da ciência frente às conseqüências de sua aplicação. Outro ponto considera que os avanços tecnológicos atuais tornaram possíveis um adiamento da morte.

Essa obra de Gadamer constitui uma grande contribuição para as ciências da saúde à medida que reflete sobre temas atuais com um olhar filosófico e hermenêutico. Por meio de uma linguagem acolhedora, o autor chama o leitor para uma reflexão pautada nas práticas em saúde. O autor também traz um diálogo com grandes pensadores da filosofia, reavivando antigos discursos que podem ser aplicados à prática atual.

Thaís Branquinho Oliveira Fragelli
Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

VÍRUS, MOSQUITOS E MODERNIDADE. A FEBRE AMARELA NO BRASIL ENTRE CIÊNCIA E POLÍTICA. Löwy I. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 427pp. ISBN: 85-7541-062-8

Dois assuntos, entre outros, não faltam jamais em qualquer discussão sobre a história da saúde pública no Brasil, a febre amarela e o papel da Fundação Rockefeller.

O livro de Ilana Löwy traz uma contribuição significativa. Talvez não seja um livro para iniciantes, mas a quantidade de informação e as polêmicas levantadas são uma fonte inesgotável para discussões e futuras investigações.

O fato de a autora não ser brasileira lhe permite uma certa distância que a nós, brasileiros, muitas vezes, é difícil alcançar. A autora mantém isenção ao longo do texto, eximindo-se de dar valor a esta ou aquela interpretação. Muitas vezes, essa isenção é frustrante, pois se desejaria que a autora enveredasse por uma via mais interpretativa.

De maneira alguma, esse é apenas mais um livro sobre a febre amarela no Brasil, será a grande fonte para discussões em seminários e cursos. A febre amarela, ainda que personagem principal, serve como plataforma para discutir a política científica brasileira e das economias dominantes na primeira metade do século.

A quantidade de informação, no entanto, é surpreendente. A autora buscou informação de uma quantidade imensa de fontes, ainda que muitas não inéditas. Uma frustração, pelo menos para um paulista, é o fato de Emílio Ribas ter sido relegado a um papel secundário, apenas um entusiasta da teoria vetorial. Deve ser lembrado que a primeira epidemia de febre amarela a ser controlada através do controle do seu vetor no Brasil foi a de São Simão, no interior de São Paulo, e não a do Rio de Janeiro.

O impacto da Fundação Rockefeller na formação da saúde pública brasileira não é amplamente explorado: a autora não menciona o antigo Serviço Especial de Saúde Pública, depois Fundação SESP, formado nos anos da Segunda Guerra Mundial sob a cartilha da Fundação Rockefeller. Da mesma maneira, algumas ações inegavelmente significativas, como a erradicação do *Anopheles gambiae* no Nordeste brasileiro, são minimizadas. A influência da filosofia e da estratégia do controle de vetores desenvolvida na primeira meta-

de do século XX calou fundo na saúde pública brasileira, podendo ainda ser identificada em alguns serviços do país, não obstante as transformações que se processaram nos últimos vinte anos.

São pouco mais de 400 páginas, divididas em sete capítulos, além de uma respeitável bibliografia. A narrativa não é sempre linear, a autora se repete um pouco e, muitas vezes, faz com que o leitor se perca à medida que a discussão se sobrepõe, indo e voltando no tempo. O resultado final, no entanto, é altamente positivo, a tradução é bem cuidada, e a leitura é agradável. Para o leitor já versado na história da febre amarela e seu controle, não há necessidade de ler o livro ordenadamente, mas saltando os capítulos e seções; para os iniciantes, o primeiro capítulo, *Uma Ciência que Circula, a Medicina Tropical*, é uma introdução muito boa, pois, além de colocar o problema no contexto, discute a abordagem adotada pela autora.

A discussão sobre a assim chamada medicina tropical que emerge no final do século XIX é particularmente interessante para os dias atuais em que a situação sanitária dos países que constituíam as colônias da época não mostra sinais de melhora significativa. Se no tempo da febre amarela a Fundação Rockefeller desempenhou um papel importante, ainda que controvertido, no tempo da aids, temos uma infinidade de organizações atuando sob os mais diversos propósitos, desde a Organização Mundial da Saúde até os Médicos sem Fronteiras e a Fundação Bill e Melinda Gates, e as doenças não são mais denominadas “tropicais”, mas, sim, numa tentativa de ser politicamente correto, “negligenciadas”.

A discussão sobre as teorias a respeito da febre amarela e as propostas delas decorrentes, no capítulo dois, são informativas, mas há alguns deslizes difíceis de explicar, como o de afirmar que Monteiro Lobato era médico. Não era, formou-se em Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Esse deslize, no entanto, não compromete a qualidade da discussão e da pesquisa.

A discussão sobre a Fundação Rockefeller e sua atuação internacional e no Brasil, em particular, faz do terceiro capítulo um dos mais interessantes e informativos do livro, ainda que não inclua a atuação da “Missão Rockefeller” nos anos anteriores a 1920.

A impressão que se tem do capítulo sobre as viagens de reconhecimento feitas por sanitaristas brasileiros ao interior do país e, mais tarde, por especialistas da Fundação Rockefeller é que teria sido difícil para a autora resistir discutir o assunto, sem dúvida um dos temas mais interessantes da história da saúde pública brasileira, principalmente por ter recolhido seu material do acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. A discussão sobre a origem do viscerotomo e dos direitos de propriedade intelectual sobre o seu desenvolvimento é extremamente atual. Se o leitor sente falta de alguma coisa ao longo da leitura é o fato de a autora não ter feito contraponto com a situação atual da saúde pública internacional.

O quinto capítulo, que discute os modelos de controle, é, talvez, o mais atual e pertinente para a discussão da saúde pública hoje. Dengue e febre amarela têm muito em comum, ao se ver a discussão que corria no início do século XX sobre as diferentes abordagens para o controle da febre amarela, é impossível não fazer uma analogia com o controle de dengue no Brasil hoje.

A história do desenvolvimento da vacina já foi contada anteriormente; no sexto capítulo, não há nada realmente novo, mas a discussão é boa, e os fatos, pertinentes, ainda que, algumas vezes, gerem um pouco de confusão. Esse não é um livro para se ler desatadamente.

O sétimo e último capítulo nos traz a uma época mais próxima e discute as políticas recentes de controle das doenças transmitidas por vetor, à luz da filosofia gerada na primeira metade do século XX, realmente faz uma excelente conclusão para o livro.

Em síntese, a obra de Ilana Löwy é de leitura imprescindível para quem se interesse pelo tema.

Luiz Jacintho da Silva
Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, Brasil.

TUBERCULOSIS: DETECCIÓN DE CASOS, TRATAMIENTO Y VIGILANCIA. PREGUNTAS Y RESPUESTAS. Toman K. 2ª Ed. Washington DC: Pan American Health Organization; 2006. 376 pp.

ISBN: 92-4-154603-4

É possível controlar a tuberculose? Esta pergunta enigmática perpassa todo o conjunto da obra que tenta traçar um panorama geral das principais questões que fazem da tuberculose uma ameaça permanente em praticamente todas as partes do mundo.

Na transição dos anos de 1950 para 1960, após uma década de experiências e observações com o tratamento quimioterápico, produziu-se um acúmulo considerável de informações técnico-científicas sobre a tuberculose. Após esse período, uma série de pesquisas conduzidas em países em desenvolvimento (principalmente na Índia) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em parceria com a União Internacional Contra a Tuberculose (UICT), apoiou a formulação das bases técnicas do que viriam a ser os programas nacionais de controle da tuberculose¹. Logo após o lançamento desse relatório técnico, cientistas de países desenvolvidos apontaram uma série de críticas, questionamentos e objeções em relação às recomendações outrora adotadas.

Com a intenção de esclarecer a polêmica, a OMS decidiu patrocinar um trabalho que revisasse os conhecimentos científicos acumulados e as experiências práticas dos serviços que haviam embasado o relatório. Esse trabalho ficou a cargo de Kurt Toman, um tisiologista tcheco reconhecido pela sua expertise no combate à tuberculose. Assim, nascia a 1ª edição do livro *Tuberculosis: Case Detection, Treatment and Monitoring. Question and Answers*, em 1979². O impacto do livro foi tamanho que essa edição foi traduzida para o francês, o espanhol, o árabe e o português, e se tornou uma das principais referências técnicas para a implantação e desenvolvimento de estratégias de controle da tuberculose em países em desenvolvimento.

Em 2004, quando já se completava 25 anos da 1ª edição, boa parte do conteúdo do livro de Toman ainda permanecia válido e atual. No entanto, novos desafios como o surgimento da pandemia de HIV/AIDS, a desestruturação dos programas de controle, a problemática do abandono do tratamento e a conseqüente ameaça da multidroga resistência impediram o alcan-

ce das metas de eliminação e controle da tuberculose, e tornaram obrigatória a atualização da obra. Em decorrência de sua atuação no controle da tuberculose na cidade de Nova York e da experiência acumulada no escritório regional da OMS no Sudeste Asiático, a missão de rever o conteúdo da edição original foi atribuída a Thomas Frieden.

Juntamente com um time composto por 29 especialistas da OMS, da UICT, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças de Atlanta (CDC), do Centro de Pesquisa em Tuberculose de Chennai – Índia, do Programa de Controle da Tuberculose da Malásia e de instituições acadêmicas da Bélgica, Canadá e Estados Unidos, Frieden logrou a publicação ampliada e revisada da 2ª edição do texto de Toman. A 2ª edição, escrita originalmente em inglês e publicada em 2004, mantém o formato de perguntas e respostas proposto por Toman e conserva praticamente inalterados 12 capítulos da obra inicial. Esta resenha é referente à tradução para o espanhol da 2ª edição de Frieden, que foi publicada em 2006 com o patrocínio da Organização Pan-Americana da Saúde (OPS).

O livro é organizado em três seções: detecção de casos, tratamento e vigilância (esta última não fazia parte da versão original de Toman), distribuídas em 75 capítulos. Os capítulos se iniciam com uma questão (p.ex: Que papel desempenha a detecção de casos no controle da tuberculose?), seguida por um texto curto e ágil, que em linhas gerais, procura responder às principais dúvidas relacionadas àquela proposição. Ao final de cada capítulo, encontra-se uma lista de referências que remete o leitor mais interessado aos trabalhos que subsidiaram o texto. Conforme são apresentados os temas nos diferentes capítulos, há chamadas no texto que recomendam ao leitor que busque informações adicionais em outros capítulos e/ou seções do livro. Embora haja uma grande diversidade de temas e autores envolvidos na elaboração da obra, chama atenção o esmero com que os editores trataram o material.

Na primeira seção, onde se encontram as questões pertinentes à detecção de casos, são apresentados limites e possibilidades da utilização de ferramentas consagradas (bacteriologia do escarro), de exames complementares de diagnóstico (radiografia de tórax e teste tuberculínico) e de métodos modernos que ainda carecem de validação (técnicas de imunologia e biologia molecular). O destaque dessa seção vai para a argumentação em favor da utilização da baciloscopia de escarro como método preferencial (em qualquer contexto, inclusive em situações com alta prevalência de co-infecção com HIV/AIDS) para o diagnóstico dos doentes portadores das formas clínicas pulmonares positivas. Estas são as maiores responsáveis pela transmissão e manutenção da doença na comunidade e, portanto, são aquelas que têm maior interesse epidemiológico.

A segunda seção, que se refere ao tratamento, é a mais extensa. Nela se encontra um breve histórico das medidas utilizadas na era pré-quimioterápica, além das principais conquistas de pesquisas baseadas em evidências científicas. O texto é apoiado em uma ampla bibliografia. São apresentadas as principais drogas utilizadas no tratamento, seus mecanismos de ação contra o bacilo e os esquemas terapêuticos preconizados pela OMS, assim como as implicações da utilização destes esquemas em situações especiais, tais como hepatopatias e insuficiência renal. Encontram-se tam-